

Jean-François Chiantaretto

A perda de si



Blucher

PSICANÁLISE ■■■■■
■■■ SEM FRONTEIRAS

A PERDA DE SI

Jean-François Chiantaretto

Tradução

Caio Liudvik

Revisor técnico

Daniel Kupermann

A perda de si

Título original em francês: *La perte de soi*

© 2025 Jean-François Chiantaretto

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE SEM FRONTEIRAS

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Tradução Caio Liudvik

Revisão técnica Daniel Kupermann

Preparação de texto Alexandra C. Fonseca

Diagramação Mônica Landi

Revisão de texto Equipe editorial Blücher

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa Georges Gaillard, Éphémères, 2017

Blücher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Chiantaretto, Jean-François

A perda de si / Jean-François Chiantaretto ;
tradução Caio Liudvik ; revisor técnico Daniel
Kupermann. – São Paulo : Blücher, 2025.

240 p. (Série Psicanálise sem Fronteiras).

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2635-2 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2632-1 (Eletrônico - Epub)

ISBN 978-85-212-2633-8 (Eletrônico - PDF)

Título original: *La perte de soi*.

1. Psicanálise. 2. Trauma. 3. Constituição
subjética. 4. Metapsicologia. I. Título. II. Liudvik,
Caio. III. Kupermann, Daniel.

CDU 159.964.2

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio da edição brasileira – A criança mal acolhida no divã: além da sobrevivência	13
<i>Daniel Kupermann</i>	
Prefácio	21
Prólogo Do tratamento à escrita, idas e vindas	25
Primeira parte Os começos	41
1. A inquietude das origens, a inquietude nas origens	43
2. O original, o originário	53
Segunda parte Os recomeços	77
3. O re-começo ferencziano	79
4. Começar, recomeçar	103
5. A acolhida do mal-acolhido	121

Terceira parte A escrita dos limites	139
6. As palavras da sobrevivência	143
7. Escrever <i>para</i>	163
8. Escrever <i>contra</i>	173
Quarta parte A existência limite	185
9. A desapareição <i>ou</i> a perda	189
10. Da cultura à cura: o mal-estar da transparência	203
Epílogo – Transferência do analista, escrita(s) de transferências	221
Adendo – O si em questões	227

Prefácio da edição brasileira

A criança mal acolhida no divã: além da sobrevivência

Daniel Kupermann

A psicanálise francesa suscitou nossa admiração, durante décadas, pela exemplar erudição e inventividade dos seus teóricos. Muitos são os autores que nos encantaram e que, desde a década de 1980, influenciaram o pensamento psicanalítico brasileiro. Mais recentemente a balança se equilibrou: a produção psicanalítica em nosso país, impulsionada pelo espírito antropofágico e por uma robusta pesquisa acadêmica, vem atraindo os olhares dos colegas estrangeiros interessados em uma psicanálise criativa e atenta com o contemporâneo.

O atual estado da arte da produção psicanalítica favorece a fertilização mútua promovida pelas boas leituras das obras dos autores canônicos empreendidas em diferentes línguas. A tradução para o português de *A perda de si*, de Jean-François Chiantaretto, não apenas satisfará os amantes do rigor epistemológico característico da tradição gálica, como também surpreenderá todo aquele que reconhece o desafio imposto aos psicanalistas pela clínica dos limites.

Ainda pouco conhecido do público brasileiro, Chiantaretto, filósofo, psicólogo e psicanalista, professor emérito da Universidade Paris 13, autor de vários livros e artigos inspiradores, adotou como Leitmotiv de sua obra o trabalho psíquico necessário por parte do psicanalista para tratar analisandos que sofreram a ausência do outro primordial em seu processo de constituição subjetiva, e que sofrem pelo risco permanente da perda de si. Não a perda de si que todo sujeito descentrado, às voltas com as tramas surpreendentes do seu desejo, atravessa; mas aquela decorrente do assassinato de si promovido pela ausência radical do outro de quem dependera ainda infante, antes de poder enunciar, com júbilo, o “Eu sou” descrito por Winnicott, ou de se reconhecer no espelho de Lacan.

Perdas de si no outro

O interesse pelo livro de Chiantaretto, no momento atual da psicanálise no Brasil, é ainda maior pelo fato de que sua referência primária é, efetivamente, a retomada da problemática do trauma empreendida por Sándor Ferenczi no final dos anos 1920, o que pode permanecer encoberto pela pletora de referências encontradas em sua argumentação. Observa-se um interesse crescente pelo pensamento ferencziano na psicanálise contemporânea, sendo que, entre nós, a alusão ao psicanalista húngaro tornou-se imprescindível para todo clínico que tem a modéstia e, mesmo, a honestidade de reconhecer os limites da sua formação diante dos casos limite. Antes tarde do que nunca, diria o senso comum, com o adendo de que a justiça (a Ferenczi, no caso) tarda, mas não falha.

O movimento em torno da obra de Ferenczi não é um modismo passageiro, ao contrário do que é propagado pelo reacionarismo psicanalítico, mas uma maneira de tornar a psicanálise cada vez mais acessível às subjetividades vítimas de abandono que proliferam em nosso tempo, entendendo-se por nosso tempo o período inaugurado

pela ascensão do nazifascismo, pela experiência concentracionária, pelos racismos persistentes e, mais recentemente, pela positividade tóxica imposta pelas redes sociais e pelo consumo desenfreado que vige no neoliberalismo. Nada disso escapa à minuciosa análise das perdas de si empreendida por Chiantaretto.

A versão mais propagada da traumatogênese descrita por Ferenczi supõe um sujeito capaz de confiar no outro – “uma criança e um adulto se amam”, como escreve o húngaro – e que, a partir de uma violação da sua integridade física e psicológica e do desmentido que a sucede, é remetido a uma angústia de morte por abandono. O efeito da experiência traumática, para Ferenczi, não é o mesmo da angústia de castração neurótica cartografada por Freud, mas uma radicalização da experiência do desamparo que remete o sujeito a uma regressão à dependência absoluta por meio do que foi nomeado de “identificação com o agressor”. Antes mal acompanhado do que absolutamente só, poderíamos formular invertendo outro ditado popular.

Essa modalidade defensiva, a identificação com o agressor, talvez seja de fato a principal novidade proposta por Ferenczi para compreender subjetividades traumatizadas e casos limite. Dela decorre uma clivagem narcísica em uma parte que detém um saber incorporado à moda do ventriloquismo – um saber sem sabor, e mesmo amargo –, e outra, sensível, matriz do viver criativo, destruída, promovendo um anestesiamiento de si que se assemelha a uma morte em vida.

Toda a investida de alguém que se viu desvanecido no espelho do outro que o fazia sentir-se vivo e pulsante é o testemunho desse assassinato da alma, lançado ao mar em busca de uma presença sensível que possa reconhecê-lo e escutá-lo. Em nossa cultura, essa testemunha privilegiada é, efetivamente, o psicanalista, enquanto houver a possibilidade de existir um psicanalista, e de existir um psicanalista suficientemente disponível para recolher o que remanesce de um sujeito traumatizado, porém ainda capaz de um resto de confiança.

Essa teorização do evento traumático, que porta a virtude da clareza acerca dos efeitos nefastos da violência em uma ordem cultural na qual a dissimetria dos poderes é a tônica deixa, no entanto, duas questões em aberto: a primeira se refere à psicologia do agressor – quando não referida à pura e simples psicopatia –, ou seja, o que poderia fazer com que um cuidador promovesse o abandono de um sujeito dependente e em estado de vulnerabilidade; a segunda diz respeito à diferença entre quem teve a experiência do acolhimento e que depois sofreu um abandono, de alguém que não contou com qualquer hospitalidade primordial.

Esses problemas, que mereceram a investigação minuciosa de Chiantaretto, aparecem pela primeira vez no pensamento psicanalítico em “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, pequeno ensaio publicado por Ferenczi em 1929 que se oferece, desde então, como inspiração maior para uma reflexão sobre a radicalidade da clínica psicanalítica dos casos limite, ou seja, para uma clínica que tem como desafio a vitalização necessária para a afirmação de si e para a criação de uma vida digna de ser vivida.

A criança mal acolhida no divã

Paradigma dos casos limite, a criança mal acolhida descrita por Ferenczi é aquela que se deparou com a ausência de si do/no outro primordial, ou seja, aquela que teve como saída exclusiva a identificação com a desapareição do outro em si (no outro), e do outro em si mesma. Não se trata aqui da criança capaz de confiar, como descrito acima, mas daquela que não foi investida com afetos de vitalidade e que, portanto, não encontra razões para existir; apenas remanesce e sobrevive à espera de um fio de ligação com uma experiência capaz de fazer com que a vida se torne digna de ser vivida.

Essa identificação com o outro morto em si mesmo deixa a criança mal acolhida sem capacidade de ação – não há a quem reclamar, a

quem recorrer ou mesmo odiar – sendo, assim, promotora de um auto-ódio melancoliforme que se manifesta nas análises suscitando a impotência do analista, ilustrada por uma escuta desinvestida e uma palavra esvaziada. A escuta se torna desinvestida, uma vez que o paciente limite não pode crer no investimento do outro, repetindo na experiência transferencial sua decepção e sua descrença em toda e qualquer possibilidade de encontro transformador, desvitalizando o analista. A palavra se torna esvaziada, uma vez que suportar a ausência do outro primordial atualizada no endereçamento transferencial tende a promover uma modalidade de defesa do analista caracterizada por interpretações precipitadas e vazias, que reiteram o fracasso de todo e qualquer investimento do outro como fonte inédita de afetos e de pensamentos.

A importância clínica das elaborações de Chiantaretto é, portanto, a de contribuir para a delicada compreensão do trabalho do psicanalista às voltas com a ausência de si no outro (no investimento do analisando), com o esvaziamento do seu pensamento na situação transferencial, e com o manejo de um ódio emudecido pela figura do auto-ódio que o paciente limite porta em sua irredutível negatividade. Chiantaretto situa, assim, o analista que se defronta com o paciente limite também na condição de sobrevivente; um sobrevivente que conta apenas com a escrita de si para não desaparecer frente ao testemunho do analisando, evitando, assim, destruí-lo de uma vez por todas por meio de um retraumatismo na própria situação analítica.

Dessa maneira, a criança mal acolhida em análise exige do analista um trabalho que pode ser ilustrado pela literatura de testemunho dos sobreviventes da experiência concentracionária. É o que encontramos na terceira parte do livro, “A escrita dos limites”, na qual Chiantaretto discute o projeto testemunhal de Primo Levi e de Imre Kertész, aproximando-os da clínica psicanalítica. Inspirado sobretudo pelo último, Chiantaretto propõe que “a escrita só capta e isola a experiência traumática se puder transformá-la ao se transformar e tornar a

vida estranhamente vivível ao torná-la narrável”. Nesse sentido a clínica dos limites implicaria um processo mútuo – ou seja, que diz respeito tanto à posição do analisando quanto à do analista –, que caminha da remanescência à sobrevivência, e da sobrevivência à vitalização.

Desse modo, Winnicott se apresenta como referência crucial, a partir de suas formulações pioneiras acerca do ódio na contratransferência. A maneira do analista de sobreviver ao apagamento do seu pensamento na situação transferencial promovido pelo ódio silencioso do analisando limite é, efetivamente, defrontar-se com seu próprio ódio assassino de si, seu auto-ódio. Apenas por meio desse trabalho contratransferencial, que implica a identificação/desidentificação com o que o afeta a partir da cena inaugural da má acolhida do ser, o analista pode exprimir “o ódio assassino do outro e o ódio assassino pelo outro no que ele *contém* o ódio assassino de si”.

Sobreviver à ausência de si no outro e não retaliar, realizar a escrita de si e promover o testemunho interno vitalizador de si mesmo e do analisando, fazer do verbo carne viva é, portanto, segundo Chiantaretto, a tarefa do psicanalista que acolhe em seu divã as regressões do paciente limite.

Mãos à obra.

Referências

- Chiantaretto, J.-F. (2022). De Freud a Ferenczi: como ser sem desaparecer? In Kupermann, D. *Por que Ferenczi?* Zagodoni.
- Ferenczi, S. (1992a). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In Ferenczi, S. *Psicanálise IV* (Obras completas de Sandor Ferenczi, 4). Martins Fontes. Trabalho original publicado em 1929.
- Ferenczi, S. (1992b). Análise de crianças com adultos. In Ferenczi, S. *Psicanálise IV* (Obras completas de Sandor Ferenczi, 4). Martins Fontes. Trabalho original publicado em 1931.

- Ferenczi, S. (1992c). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In Ferenczi, S. *Psicanálise IV* (Obras completas de Sandor Ferenczi, 4). Martins Fontes. Trabalho original publicado em 1933.
- Kertész, I. (2003). *Sem destino*. Planeta. Trabalho original publicado em 1975.
- Kupermann, D. (2022). *Por que Ferenczi?* Zagodoni.
- Levi, P. (1988). É isto um homem? Rocco. Trabalho original publicado em 1947.
- Winnicott, D. W. (2000). *O brincar & a realidade*. Imago. Trabalho original publicado em 1975.

Prefácio

As escritas de si me convocam há muito tempo: primeiro como leitor, depois como leitor *e* psicanalista. Essa convocação, a princípio impensada, sem dúvida contribuiu grandemente para me afastar dos filósofos, em particular os da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Filósofo de formação, procurei na estética e na literatura um meio-termo, através da noção brechtiana de “pensamento interveniente”. A ideia de um pensamento da escrita, não redutível à escrita do pensamento, já estava lá, mas foi o encontro de Sigmund Freud, como psicólogo clínico e posteriormente psicanalista, que me levou a encarar e aprofundar a questão da autoapresentação na escrita.

Para além da *autoapresentação*, vista como um modelo autobiográfico, foi levando em conta o recurso freudiano à escrita para criar a psicanálise que pude formular completamente, em 1995, minha ideia das escritas de si. E levei ainda muitos anos para situar melhor a ancoragem clínica da referência à escrita de Freud:¹ no que ela implementa um diálogo consigo, instituindo o outro como testemunha de

1 Para além da diversidade de suas formas.

um pensamento em curso. A autoapresentação exibida pelas escritas de si (autobiografia, diário íntimo, ficção, ensaio) é, na realidade, construída. Ela repousa sobre um investimento narcísico das palavras, que, se supõe, permitem a alguém (o leitor) ver conforme um outro alguém (o autor em pessoa) se vê. Para além do engano coloca, assim, em cena,² a passagem – e seus impedimentos – do monólogo interior de um sujeito, na borda do solilóquio, para um diálogo interior que requer a escuta (a leitura) do outro. Nesse tipo de texto, a autoapresentação me parece, com efeito, que deva ser considerada a apresentação seguramente autêntica de um diálogo interior, convocando a figura intrapsíquica de um testemunho: o “testemunho interno”, segundo a hipótese formulada desde 1999 a partir do *Diário*, de Anne Frank.

Essa proposição envolve uma abordagem da interlocução interna, tendo suas fontes no entrecruzamento da escrita e da clínica, visto que ela se torna o lugar e o desafio da sobrevivência. A escrita sobrevivente (Primo Levi, e depois Imre Kertész) e a sobrevivência como modo de ser e de pensar na psicopatologia dos limites: desde pelo menos 2005, minha proposta se estabelece entre esses dois registros, em constantes idas e vindas, apesar de, e com suas diferenças fundamentais.

O consentimento sob o risco da perda de si na relação com o outro se mostra desejável para todos. A perda indefinida de si é o inverso da construção indefinida de si, com os encontros mais ou menos felizes da alteridade interna e da alteridade do outro – no plural da composição dos seres: identificatória e relacional, narcísica e sexual. Viver é perder, para alguém e para além da morte. Cada qual *se deve* consentir com a morte no processo da vida, consentir com a perda de si na escolha dos possíveis e na possibilidade da perda do outro,

2 Com ou sem o conhecimento do autor, em uma medida indecifrável e segundo modalidades infinitamente variáveis em função dos textos – inclusive, às vezes, em um mesmo autor.

suscetível de anunciar a perda dos investimentos narcísicos atrelados a cada relação.

Há, contudo, uma figura totalmente diferente dessa perda interior, que caracteriza a psicopatologia dos limites em seus aspectos melancólicos ou melancoliformes: a perda de si no outro desaparecido dele mesmo. Ou, em termos mais expressamente psicanalíticos: a incorporação pelo *infans* da desapareição do outro primordial a si, na via aberta por Sándor Ferenczi. De que modo sobreviver a essa forma inaugural da perda de si? Essa é justamente a questão posta pela “existência limite”, que atravessará todo este livro.

No começo da psicanálise, decerto há Freud e sua transferência inaugural sobre a escrita. Mas há também o “re-começo” primário, que deve ser distinguido de todos os recomeços que se seguirão até hoje: o diálogo – original, originário – de Freud e Ferenczi. Um diálogo impossível e fecundo, destruidor e criador, com o qual cada psicanalista é irremediavelmente confrontado na atualidade de sua prática clínica: quer queira quer não, quer escreva quer não.

Voltar-me plenamente a esse diálogo me permitiu, creio, questionar a clínica dos limites. E, através de suas desafiadoras especificidades, dar conta do papel central da “interlocução interna” no funcionamento psíquico do analista, na sessão e – depois, de outro modo – com a escrita *a partir do* tratamento.

Talvez haja mais um benefício: uma certa separação conquistada com relação ao sujeito dos escritos de si e aos mal-entendidos desencadeados, não sem sobrecarga passional, pela palavra “si”, aquém mesmo de suas múltiplas acepções. O que não é sem relação com a escolha do título.

Prólogo

Do tratamento à escrita, idas e vindas^{*1}

Em Imre Kertész, a autoapresentação institui a ausência *como* uma perda: seus textos colocam em cena seu autoapagamento. Mas ao se transformar em uma cena da escrita, o autoapagamento se torna uma ação salvadora. A construção de um testemunho de seu impedimento de ser cria a possibilidade, para esse escritor, de um olhar e de uma escuta. Contar para alguém, contar para sobreviver à perda e tornar vivível a ausência, é também – decerto muito diferentemente – o que caracteriza a autoapresentação em Pierre Pachet, na *Autobiographie de mon père* (1987). Esse texto de Pachet foi escrito literalmente *para* seu pai morto, a fim de libertá-lo *post mortem* da desapareição de si

* O original faz um jogo de palavras entre os termos *cure* (tratamento) e *écriture* (escrita) (N.T.).

1 Este prólogo retoma parcialmente, prolongando-as nas perspectivas próprias ao livro, certas proposições avançadas em Chiantaretto, J.-F. (2018). L'interlocution interne du psychanalyste. In J.-F. Chiantaretto, C. Matha, & F. Neau (Dirs.), *L'écriture du psychanalyste* (pp. 59-73). Hermann.

que lhe tinha sido imposta quando vivo, devido a uma doença. E essa desapareição amplificava o apagamento traumático induzido pelo Shoa judeu.

A literatura ajuda o psicanalista a fazer do que lhe escapa o motivo e a matéria de seu pensar, durante e após as sessões. A releitura constante da obra de Kertész nos últimos dez anos² desempenhou um papel decisivo para me ajudar a pensar o que está no coração deste livro: a dimensão melancólica na clínica das problemáticas-limite – a perda de si no outro: o investimento de si tal qual *desaparecido* no pensamento do outro.

O pano de fundo melancólico da transferência, ligado à colocação em obra, pelo analista, da ausência do objeto transferencial, assume uma função particular com os pacientes ditos limites. Eles colocam literalmente em causa a “capacidade depressiva” da situação analítica, no seio da qual “ouvir equivale a uma perda”, não podendo senão recusar a “depressividade da fantasia”.³ De que forma manter com eles as associações e as interpretações, quando eles se impõem e impõem ao analista o registro melancólico da desapareição, contra a depressividade da ausência? Como pode o analista se descolar de seus

2 Inclusive no que ela me levou muito recentemente a tomar a medida do choque inaugural – esquecido desde 1995 – do encontro do texto de Pachet. Eu o tinha comentado em Chiantaretto, J.-F. (1995). *De l'acte autobiographique: Le psychanalyste et l'écriture autobiographique*. Champ Vallon. Citarei aqui, a título de homenagem e de reconhecimento de dívida, uma passagem que me marcou muito particularmente e que redescubro hoje: “O que é que perdi exatamente? O que é que me foi tirado? Eu me pus em sua busca por gosto da vida. Fiz essa busca precisamente com o que meu pai me tinha ensinado: voltando-me à minha ‘vida interior’. O instrumento estava lá, era o que herdei de meu pai. [...] A fala do meu pai morto exigia falar através de mim, como nunca tinha falado, para além de nossas duas forças reunidas” [Pachet, P. (1987). *Autobiographie de mon père* (pp. 6-7). Belin].

3 Férida, P. (2001). *Des bienfaits de la dépression: éloge de la psychothérapie*. Odile Jacob. Todo o capítulo III dessa obra está centrado nessa noção.

pensamentos, que separam ao reunir? Como pensar (com) a ativação da angústia da perda na ausência, quando entra em cena no paciente a necessidade do apagamento de si no outro? Pois, ao recusar a alteridade interna do outro (o analista), o paciente quer matar-se no outro: para se provar que ele não está lá, ou seja, uma ação que lhe permite, paradoxalmente, não ter de se fazer desaparecer, não se suicidar; sobreviver à ameaça de desaparecimento incorporada no tempo antigo do *infans* mal-acolhido, no sentido de Ferenczi. Sabendo que a ameaça se inscreveu no psiquismo do *infans* sob a forma extrema de uma injunção interior, sem ninguém para enunciá-la!

Como, nesse contexto clínico, correr o risco de se abster da afetação transferencial na interpretação? De que modo investir a passagem, no paciente, da dor impensável de ser para o sofrimento invivível de existir, suportando o perigo da tentação (suicida) de ser o ator pleno de sua desapareção? A questão, dificilmente pensável durante o atendimento, torna-se manifesta quando o analista observa a sessão do exterior, notadamente com a passagem à escrita, momento que pode ser fonte de um sofrimento que impõe o vazio de palavras, que impede o escrito, que até mesmo o apaga...

Contar para alguém, contar a alguém, às vezes contar para viver o invivível de uma ausência perfurada pela perda... É mais ou menos a esperança de todo analisando, afirmada ou negada, e, no melhor dos casos, finalmente decepcionada, devido à capacidade de ausência que lhe oporá a presença psíquica do analista a si – sobre o modelo winnicottiano da mãe capaz de estar só na presença da criança, a qual, por esse fato, pode descobrir sua capacidade de brincar sozinha na presença da mãe: de estar só.⁴

Contar para alguém, contar a alguém, fazer um texto da ausência era, talvez, segundo outras modalidades, a expectativa de Freud, e, com certeza, a de Ferenczi, em seu endereçamento mútuo,

4 Winnicott, D. W. (1969). La capacité d'être seul (1958). In D. W. Winnicott, *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Payot.

implementando seu processo de reflexão precisamente conforme uma expectativa. Em todo caso, a localização dessa mutualidade original da psicanálise reforçou minha ideia de *interlocução interna* do psicanalista em sessão. A interlocução interna, ou seja, a maneira pela qual o analista se fala em sessão, a forma como seu diálogo interior *in situ* acolhe as modalidades segundo as quais ele é falado por sua fala, pelas interpretações que propõe ao paciente.

O informulável assinalaria a urgência vital de uma transferência da autodestrutividade, um endereçamento primário exigindo aqui e agora a acolhida da ameaça vital ativada pela demanda – uma ameaça que torna manifesta a dimensão melancólica no coração da psique do analisando. Para tornar possível o face a face inédito exigido pelo paciente, o analista é forçado, na transferência, a viver sozinho o ataque ao seu pensar e sobreviver a isso pensando o trabalho da destrutividade nele. É forçado a sobreviver *ali*, no face a face *ali*, e sobretudo não apenas em outro lugar, com outros pacientes ou em sua vida particular; ele é obrigado a sobreviver *ali*, na experiência do informulável como signo do invivível. A exigência-limite tem a ver com o agir. Ela se exprime em uma indução transferencial, que se traduziria pela insuperável tensão afetando o analista, a ser assim suportada: investir e não investir o paciente como fonte inédita de afetos e de pensamentos. E, de fato, o registro-limite tende, com a mesma força, tanto a empurrar o analista a escrever quanto a impedi-lo disso. Com o único resultado desejável sendo conseguir inscrever negativamente na escrita o apagamento induzido pelo paciente – investir (em parte) na escrita como lugar de sobrevivência –, ou encontrar um equivalente a essa escrita de apagamento no ritmo gerador de terceiridade oferecido por uma supervisão ou por qualquer dispositivo inter-analítico.

Não se trata mais, aqui, da inibição neurótica do pensamento, inibição que, ademais, remete, em parte, à própria natureza da atividade do pensamento. Pensar, ou mais precisamente, pensar de forma criativa, investir o pensamento como experiência da criatividade, é pensar no lugar onde o pensamento se furta e nos furta de nós; ou seja, é afirmar o primado da simbolização da ausência sobre a possibilidade da desapareição, correr o risco da inquietude em vez, e no lugar, da angústia da perda. Eis toda a diferença entre o pensamento do assassinato, que qualifica o registro edipiano/neurótico, e o assassinato do pensamento, que qualifica o que Paul-Claude Racamier, nisso herdeiro de Ferenczi, nomeia de incestualidade, no coração da psicopatologia dos limites e das psicoses.

Considera-se que, em um momento ou em outro, e decerto mais ou menos, todo tratamento confronta o psicanalista com angústia. Uma angústia ligada às identificações mútuas, constitutivas da transferência: Como não se perder nas identificações do paciente e ao paciente? Esse é o trabalho de pensamento do psicanalista, em última instância, a nominação de seus afetos contratransferenciais, o que permite dar a essa mutualidade uma dimensão criativa ou criadora, ao materializar a assimetria dos lugares e a separação dos espaços psíquicos. Dito de outro modo: é o trabalho de pensamento do psicanalista que consagra a diferenciação dos lugares afetados na e pela transferência, ou seja, finalmente, a diferenciação para com o paciente e para consigo. Alguém escuta, alguém escuta no analista e para além do analista, alguém escuta ao mesmo tempo o paciente e o analista. Adquiri o hábito de designar esse trabalho de pensamento como “escrita potencial”:⁵ a obra de um ponto de vista sobre a sessão, produzido pela sessão, um para além da sessão na sessão, como a

5 Ver Chiantaretto, J.-F. (2006). *L'écriture du psychanalyste et la séance*. In J. André & I. Lasvergnas (Dirs.), *La psychanalyse à l'épreuve du malentendu*. PUF Esse texto retoma uma conferência proferida em Montreal, em 2002.

antecipação de uma escrita por vir. A solidão do analista é assim inscrita e suposta: apenas na presença do paciente, apenas na presença/ausência da comunidade *simbólica* dos analistas, materializada pelo diálogo interior com suas figuras transferenciais.

Esse ponto de vista exige que o analista renuncie a encarnar o interlocutor demandado pelo paciente, acolhendo a demanda como testemunho da transferência. Ele condiciona e é condicionado pela interlocução interna do psicanalista, definida como uma experiência interior correspondente à auto-observação de movimentos de teorização em vias de se desfazer e preparando, nessa derrota/defecção do já pensado, o inédito da interpretação⁶ – sendo esta inseparável de uma autointerpretação, supondo-se que nunca se reduza a isso. Esse ponto de vista só surge se o analista se falar, mas permite a ele, de fato, falar-se, ver-se e provar-se na sessão atual. É nisso que seu trabalho de pensamento dá ao psicanalista: um lugar para elaborar os afetos contratransferenciais e metabolizar a angústia própria à situação analítica – um lugar sem o qual a atividade interpretativa não poderia se traduzir em interpretações.

Na perspectiva teorizada por Pierre Fédida, de um “lugar do estrangeiro”,⁷ pode-se pensar essa angústia como uma angústia ligada ao encontro do estrangeiro, que mobiliza os múltiplos feixes de

6 O conceito de teorização flutuante, avançado por Piera Aulagnier, constitui aqui um apoio precioso. Haveria, além disso, toda uma discussão sobre o conceito de “discurso interior”, proposto por Jean-Claude Rolland. O termo designa uma “instância” pré-consciente, “graças à qual a observação se transforma em teoria”, ali onde “a interlocução interna” designa, pois, uma experiência interior como imposta. Ver Rolland, J.-C. (2003). Un rêve de petit pan de mur jaune. In F. Gantheret & J.-B. Pontalis (Dirs.), *Parler avec l'étranger* (pp. 59-92). Gallimard; Rolland, J.-C. (2003). Observation clinique, construction théorique, pensée métapsychologique: trois étapes de la connaissance. *Libres Cahiers pour la psychanalyse*, (9), 87-108.

7 Fédida, P. (1995). *Le site de l'étranger: la situation psychanalytique*. PUF.

estranheiridade, remetendo ao indefinido das combinações do estranho e do estrangeiro: o estrangeiro em si e no outro, mas também a estranheza a si, para um e outro. O processo analítico supõe a implementação da alteridade interna do analista e do analisando: a análise se faz a quatro e envolve uma combinação indefinida de *cruzamentos* identificatórios, que supostamente não tomam a consistência, em senso estrito, nem de uma relação nem de um encontro.

O lugar da análise é o entre, o entre-dois, a intimidade compartilhada, que não pertence nem a um, nem ao outro, nem aos dois, e é abrangido por um e outro, mesmo que de forma desigual – pois o lugar do entre-dois é garantido assimetricamente pelo processo de reflexão do analista. A angústia do analista é estrutural e necessária, é ligada a “uma espécie de luto de si que não se poderia fazer sozinho”,⁸ do qual o analista é o garantidor tanto para o paciente quanto para ele.

Se o lugar do estrangeiro é, em última instância, a linguagem, eu diria que é mais precisamente ainda a interlocução interna do analisado. É ela que materializa durante a sessão o trabalho de seu pensar e que torna possível no paciente a experiência interior, renovada ou inédita, de sua alteridade nas palavras. A interlocução interna do analista em sessão materializa seu pensar em um diálogo interior com os outros, ativado pelas múltiplas figuras transferenciais do paciente, embora no cruzamento de múltiplas figuras da própria transferência, ligadas a seus passados de analisando, e também à sua experiência de vida e de pensamento para além. Essa interlocução interna é o lugar e a ferramenta de uma alteração pela alteridade das palavras e nas palavras, pois mobiliza o contato íntimo das palavras, o sentimento de existir pelo abandono *das* palavras, da mesma forma que pelo abandono *às* palavras, indissociavelmente em si e entre si e o outro.

8 *Ibid.*, p. 4.

É precisamente esse encontro angustiado do estrangeiro que é hipotecado com os pacientes ditos limites, desesperadamente fiéis a si mediante um ódio desesperadamente transferido ao outro, por não poder ser, em verdade, endereçado. Em seguida, a sobrevivência ao dilaceramento precoce do ambiente – a um buraco na presença psíquica do outro primordial (primário) – exige *eternamente*, para eles, a sobrevivência do outro ao ódio que eles lhe transferem. Forçado a existir no ódio, o outro deve preservar o sujeito-limite da ameaça melancólica ligada à incorporação de um desmentido de si infligido a si. Minha abordagem da dimensão melancólica, que é característica da psicopatologia dos limites, se inscreve na perspectiva ferencziana da autoclivagem narcísica.⁹

A incorporação deriva, aqui, da falha narcísica do ambiente nos tempos primários da *Hilflosigkeit* (ou estado de desamparo), do perigo então experimentado de desaparecer na desapareição do outro a si – um outro do qual o *infans* depende de modo vital. A própria formulação dessa hipótese foi inspirada por François Perrier e sua ideia de uma “negação de si dada por si”,¹⁰ embora ela se referisse, primeiro e preferencialmente, à problemática alcoólica, e de modo mais amplo às adições em geral. A hipótese, no meu livro, atém-se à ideia de uma relação caracterizada pela incorporação inaugural, no *infans*, da desapareição do outro a ele mesmo – o outro: o outro primordial ou primário, relativo ao estado de dependência vital do *infans* ou, mais perto do termo freudiano (*Hilflosigkeit*), ao estado de *désaide*, ou seja, de “*desajuda*”, na tradução de Laplanche. Essa incorporação determinará o tipo de vínculo com o outro que caracteriza o registro-limite no adulto.

9 Ver notadamente Ferenczi, S. (1982). *Confusion de langue entre les adultes et l'enfant* (1933). In *Psychanalyse* (4). Payot.

10 Perrier, F. (2008). *La Chaussée d'Antin: Œuvre psychanalytique II* (p. 503). Albin Michel.

O ódio do sujeito-limite está lá para forçar o outro a se apagar e a lutar contra esse apagamento, ou seja, para forçá-lo a provar duplamente sua não-desaparição. O sujeito é, assim, preservado de ser invadido por sua desaparição no outro, da forma que ele pôde experimentar em tempos antigos e tal como busca repeti-la – em uma *autoclivagem*, isto é, uma divisão do ser entre a esperança de torná-lo pensável pelo outro e a espera de encontrar nesse outro uma confirmação suficientemente culpável para depositar ali sua autodestrutividade e continuar a sobreviver no ódio. E quando o outro é o analista, sua escrita potencial em sessão cria um espaço para acolher o sobrevivente ao assassinato perpetrado contra si: sobreviver à clivagem assassina do eu. A escrita potencial é a *captura*, pelo analista, no confronto com a transferência do paciente, do diálogo interior que coloca em presença o público interno muito misturado de suas figuras transferenciais e da comunidade simbólica dos analistas.

Haverá alguém para apagar e alguém para lutar contra esse apagamento. Exceto que a luta contra o apagamento não pode e nem deve, jamais, ser ganha de forma definitiva. *Jamais*. Jamais antes que o paciente esteja em condições de largar, em parte, a angústia da desaparição, ou seja, antes que ele possa, em parte, abandonar a angústia da perda – como sinal de uma desaparição anunciada pela experiência no *infans* de uma desaparição do outro primário a si – pela angústia do estrangeiro, ou, mais precisamente, tolerar o porvir da segunda.

Nesse contexto clínico bem particular, a tomada de notas após a sessão é um meio para o analista atestar para si o suficiente, mas não em excesso, de sua resistência ao apagamento. Ele só exigirá da nota que mantenha registro de suas experiências por meio do que ele disse a si – em vez de ajudá-lo a orientar a continuação, nas sessões seguintes, do confronto com a empreitada de apagamento conduzida pelo

paciente. Mas a dosagem justa é muito incerta, devido à violência silenciosa da afetação transferencial.

A resistência à tomada de notas, que culmine em uma ausência quase total, poderia parecer, nos momentos mais difíceis desses casos, uma solução defensiva imposta, assim como um compromisso necessário, ao menos transitoriamente. Ela manterá a possibilidade de uma ideia de escrita, criando ausência no lugar do vazio, tornando possível o apagamento no lugar da desapareição. Eu mencionaria, contudo, uma experiência particular, mas bastante emblemática quanto às dificuldades encontradas com esse tipo de paciente: um caso para o qual, após me sentir irresistivelmente impedido de tomar notas, me senti não menos irresistivelmente forçado à escrita. De forma precisa: forçado a buscar na escrita o atestado não mais apenas da sobrevivência, mas da vivência – ao menos relativa – de meu pensamento. E isso não mais na tomada de notas, mas na cena da escrita publicada. Em outros termos: a coação interior deu lugar a uma passagem à escrita tendo o valor inegável de um agir contratransferencial.

Trata-se de uma paciente¹¹ que tinha me angustiado e inquietado o suficiente para que eu decidisse retomar um trabalho de supervisão. Ela encarnava de forma muito dramática a dor de estar apegada à autodestrutividade característica dos funcionamentos-limite, como bem qualificado pela expressão de Schreber: um assassinato de alma – ou seja, a realização sobre si do assassinato psíquico induzido pelo outro: uma importação do ódio assassino do outro para si, *re-endereçado* a si. De que forma criar o ausente nesse tipo de configuração? O recurso à escrita se impôs com essa paciente para superar, em algum lugar, a ameaça de uma desapareição inscrita nas sessões. Uma ameaça que torna impossível suportar o apagamento exigido pela transferência,

11 A situação clínica é apresentada em “A acolhida do mal-acolhido”.

atacando em demasia a possibilidade de o analista se *separar* do objeto da transferência: de fazer a ausência.

Mais precisamente, a escrita se impôs ao analista para restaurar a cena interior da interlocução interna. Tal situação implicava testemunhar isso como portador de uma possível experiência da própria criatividade para pensar a destrutividade, se inscrevendo na filiação do diálogo em ação na escrita freudiana e entre Freud e Ferenczi. E esse testemunho exigia, sem dúvida, ser antecipado, e até mesmo autorizado, no espaço terceiro oferecido pela supervisão. Mas, ao fazê-lo, instalando a ausência em outro lugar, a escrita do analista assumiu o risco de reforçar as tendências do agir suicidário: o risco de que a busca da desapareição possa até mesmo levar ao suicídio.

Isso me levou a retomar a noção freudiana do trabalho da melancolia, elevado ao estado de conceito por Benno Rosenberg,¹² sob o ângulo da distinção da renúncia a si e da separação de si. A renúncia a si definiria a dimensão melancólica do registro-limite, em um investimento narcísico específico do objeto. O “sujeito-limite” está condenado a não se encontrar no objeto, portanto a se perder no ódio de si expulso no outro, ao passo que a separação de si resultaria de um trabalho, de uma passagem da não-separação de si e do outro à “separabilidade”, para retomar o termo de Rosenberg.

O trabalho da melancolia me parece remeter, nas problemáticas-limite, a um autoapagamento, visando lutar contra a desapareição, contra a tentação de se fazer desaparecer, contra a coerção de ser o autor da própria desapareição para se desfazer da incorporação de um desaparecido, para se desfazer da desapareição que um outro infligiu a si. Mas o trabalho da melancolia, assim considerado a *luta limite* contra a ameaça melancólica, só pode ocorrer ao paciente se for facilitado pelo analista. Toda a dificuldade está aí, pois será preciso que o

12 Rosenberg, B. (1991). *Masochisme mortifère et masochisme gardien de vie*. PUF.

analista deixe agir, nele e contra ele, o veneno do apagamento, até ser ocupado pelo vazio *desfazedor* do outro, silencioso e sem traços, na origem do agir suicida possível do paciente – a ser ocupado por ele e a transformá-lo em angústia.

Entre a ameaça do agir suicida, no paciente-limite, para se fazer desaparecer em vez de *ser desaparecido*, e a angústia de se ver desaparecer na transferência, que leva o analista a agir com autoapagamento, há decerto um mundo, um mundo do qual o paciente tem a necessidade vital de se sentir excluído: o mundo partilhado do pensamento em suas ancoragens libidinais. O analista sabe se beneficiar do recurso da presença, nele, de semelhantes diferentes, a começar pelos seus analistas de referência. Por conseguinte, o consentimento ao autoapagamento do pensar em suas raízes íntimas – decerto parcial, mas suscetível a atacar o ser profundo do analista – é, talvez, vivível: possivelmente delimitado em si, portanto potencialmente representável, ao menos de forma lateral.

Nesse tipo de caso, de que modo dar lugar em si, *para o paciente*, ao desaparecido que o ameaça de ter de desaparecer na transferência? Sem se ausentar demais, até mesmo sem se apagar demais, nas próprias disposições ao apagamento, tão solicitadas pelo paciente. Dito de outro modo: Como fazer a ausência, em si, *para o paciente*? Na experiência aqui evocada, isso desembocou em um agir de escrita, sucedendo ao impedimento do pensamento de escrita – o impedimento das notas como uma materialização do autoapagamento que permite delimitar e limitar o apagamento.

O ódio e o amor no tratamento, comumente chamados de ódio e amor de transferência, revelam talvez, quando muito, sua natureza enigmática quando o analista passa à escrita, se pelo menos ele aceitar ver nas palavras que escreve a prova das experiências que animam seu

diálogo interior em situação. O diálogo interior do analista¹³ põe em palavras um conjunto de polaridades renovadas de forma indefinida, um espaço estendido e desdobrado entre dois polos: amor e ódio, necessidade e desejo, emissividade e receptividade, atividade e passividade, diferença e semelhança, separação e acolhida... A fala na escuta e a escuta da fala. Essas diferentes figuras são, sem dúvida, mais distintamente legíveis a partir de situações clínicas menos difíceis que a evocada aqui.

O dois-em-um desse diálogo interior no analista participa do desdobramento do entre-dois¹⁴ gerado pelo *um por dois* da oferta (contra-) transferencial, acolhendo por antecipação a demanda transferencial – um por dois, do qual dá testemunho a escrita do analista quando ele se arrisca a isso, ou seja, quando se arrisca a testemunhar o *semirrecalque* em ação na sua interlocução interna em sessão. Quando ele se arrisca a isso, consentindo em não testemunhar nem *o* nem *pelo* analisando, em não se apropriar do lugar da análise, mas em dar sua versão do entre-dois da transferência e da contratransferência, deixando assim o espaço para uma versão potencial, outra, do paciente.

O analista testemunha assim, na e pela *escrita após* – ou seja, em um local de onde ele assume a enunciação sozinho –, a terceiridade em ação no seu diálogo interior em sessão. Ao fazê-lo, torna legível algo do caráter irredutivelmente enigmático do funcionamento de um e outro, assim como da relação de um com o outro. O *um por dois* se situaria aqui, muito precisamente, nas antípodas do *um em dois* da não-separação, da completude imaginária que tenta manter, pelo agir, os pacientes nos quais predomina uma problemática-limite, para os quais a angústia da perda prevalece sobre a angústia da castração.

13 Neste livro, como nos anteriores, utilizo indiferentemente os termos “diálogo interior” e “interlocução interna”.

14 “O que é a cura analítica se não for [...] simplesmente ativar *o entre* entre o analisando e seu analista?”. Ver Jullien, F. (2012). *L'Écart et l'Entre* (pp. 65-66). Galilée.

De modo mais geral, para além do que é suscitado especificamente pelo registro-limite, o alvo da escrita consistiria de fato, a partir do tratamento, em mostrar a obra desse diálogo interior através de uma apresentação clínica, aceitando dar a ler o desejo em ação na elaboração da contratransferência. Esse trabalho desenha a transferência que o aprofunda: a transferência do analista não apenas como oferta à transferência do analisando, mas como oferta de transferência que precede e condiciona aquela.

O essencial em um tratamento se dá em torno da capacidade do analisando de *criar* sozinho, e no laço mantido com o analista entre as sessões, na sua vida interior e pessoal, o que ele *encontra* com o analista durante as sessões – o que ele encontra: as potencialidades criadoras de um desvio da resposta do analista com relação à sua demanda transferencial. E é justamente essa capacidade de estar só na ausência e na presença do outro que se revela gravemente deficiente no registro-limite. Tal capacidade deve ser conquistada pelo paciente, aprendendo pouco a pouco a suportar o entre-dois da transferência e da contra-transferência, aprendendo a estar lá *também*, aceitando ser moldado, de forma decisiva, pelo diálogo *no* analista.

O diálogo interior do analista condiciona, com esses pacientes, a experiência da interioridade – a princípio no outro – como lacuna entre si e o outro, e entre si e si mesmo: entre si e a representação de si, por si e pelo outro. O analista se fala durante a sessão, ele escuta a sua escuta do outro e precisa, para isso, de um interlocutor interno: uma figura composta de mil e uma figuras identificatórias, que abre o além no interior de si, nas palavras, mediante a experiência do dois em um.

O para além: o que se impõe a um e outro, juntos e separadamente, para reuni-los e separá-los. O para além, ou seja, em termos mais convencionais, a terceiridade, ou a função terceira do enquadre, mas tal como ela é garantida e apoiada pela interlocução interna do analista – a qual materializa, nas palavras silenciosas dele, o dois em um de seu espaço interior. É, sem dúvida, nessa perspectiva, que seria

preciso reconsiderar muitas questões que ainda hoje agitam os analistas em torno da contratransferência, nas controvérsias cujo motivo primário se liga às problemáticas-limite.

Os psicanalistas, por muito tempo, opuseram demais, e esquematicamente, a ideia de neutralidade e o primado das exigências científicas, em Freud, à análise mútua e ao primado das exigências terapêuticas, em Ferenczi. No entanto, esse esquema retorna sempre que se trata de opor a função espelho e a função empática do analista, ao passo que a clínica dos limites me parece obrigar a pensar a oposição em termos de polaridade, e não de exclusão. No analista, a dimensão sexual e narcísica do investimento na investigação do funcionamento psíquico do paciente, como fonte de uma autoinvestigação de seu próprio psiquismo, caracteriza todo tratamento. Mas ela se torna o desafio central, com uma problemática-limite.

A cena analítica ativa a alteridade interna do analista e do analisando. Entre eles, e em *cada um* dos dois, o meio pelo qual o fim do trabalho do tratamento consiste em possibilitar uma criatividade a dois. Essa criatividade própria ao tratamento se multiplica em mil e um cruzamentos de cenas interiores de um e outro, mas cabe a um (o analista) facilitar no outro (o analisando) uma melhor delimitação e uma melhor disponibilidade íntima de seu ser: uma melhor presença para o próprio analisando.

No registro-limite isso passa pelo ataque e pela experiência da resistência da alteridade interna do analista – a aptidão do pensar do analista à sobrevivência e transformação criadora da autodestrutividade do outro em si. Essa é a condição, com esse registro, para tocar o sofrimento negado ou rejeitado no ódio incestuoso. E reabrir, revivificando, o laço secreto entre o sexual infantil e a composição relacional do ser.



Este livro parte da perspectiva de que a autoanálise empreendida por Freud em textos autobiográficos configura um convite para que os psicanalistas se questionem sobre as escritas de si (autobiografia, diários íntimos, autoficção...). No entanto, a expressão “escrita de si” também se refere, de forma mais ampla, ao uso que Freud fez da escrita em primeira pessoa para criar a psicanálise – em um diálogo consigo mesmo, que institui o outro (o leitor) como testemunha de um pensamento em construção.

Partindo da escrita sobrevivente – com destaque para Imre Kertész –, Chiantaretto propõe uma reflexão a respeito da sobrevivência como um modo de ser e de pensar, característica da clínica dos limites.

Viver é perder. Cada um deve consentir em morrer no próprio processo da vida, aceitar a perda de si na escolha dos possíveis e na possibilidade da perda do outro. No entanto, há outra figura dessa perda, que caracteriza os funcionamentos chamados limites em sua dimensão melancólica: a perda de si no outro que desapareceu para si mesmo. Ou, dito de outra forma, a incorporação, pelo *infans*, da negação que o outro primordial infligiu a si próprio. Como sobreviver a essa forma inaugural de perda de si?

Coordenador **Daniel Kupermann**

PSICANÁLISE ■■■■■
■■■ SEM FRONTEIRAS

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2635-2



9 788521 226352



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

A perda de si

Jean-François Chiantaretto

ISBN: 9788521226352

Páginas: 240

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
